

A (im)pertinência da denominação "jornalismo literário"

Vitor Necchi

Resumo

Este texto busca evidenciar o espaço que as discussões em torno do gênero jornalismo literário vêm ocupando no Brasil nos primeiros anos do século 21. Ao mesmo tempo, apresenta uma breve tematização do fenômeno, com ênfase para o "novo jornalismo", e uma conceituação da prática no que se refere à formulação de pautas, à apuração e à escrita. Ao final, discute a eficácia da denominação mais recorrente e propõe o desenvolvimento de um debate em torno da pertinência ou não da tradicional expressão "jornalismo literário", além de sugerir a adoção da forma "jornalismo narrativo".

Palavras-chave:

Jornalismo literário, Novo jornalismo, Reportagem, Jornalismo narrativo

Literary Journalism: the (in)appropriateness of the denomination

Abstract

This text aims to examine the place taken in Brazil by the discussions on Literary Journalism for the first years of the 21th century. It also presents a breaf explanation of the style, emphasizing the "New Journalism", and practical concepts about the pitch's formulation, examination and written language. It the end, it discusses the efficiency of the most used designation and proposes the development of a debate about the pertinence of the traditional expression "Literary Journalism", besides suggesting the adoption of the form "narrative journalism".

Key words:

Literary Journalism, New Journalim, Newspaper report, Narrative journalism

Sobre o autor

Mestre em Comunicação Social, professor da Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da PUCRS. vitor.necchi@pucrs.br Um olhar panorâmico sobre as práticas de reportagem efetuadas no Brasil pode revelar que a adoção do jornalismo literário como modelo não é recorrente na imprensa do país. Orientações editoriais mais tradicionais e pautadas pela lógica do modelo norte-americano, que preconiza a objetividade a partir do modelo da pirâmide invertida para a construção de uma notícia, vigoram em especial desde os anos 1950¹. Por outro lado, no primórdio deste século que se inicia, fala-se de maneira recorrente em jornalismo literário. Este texto pretende abordar essas questões, assim como a pertinência ou não da nomenclatura "jornalismo literário". Primeiramente, algumas evidências para confirmar a percepção de que o tema está em voga:

- a) A Companhia das Letras, uma das editoras mais celebradas e importantes do país, lançou em 2002 uma coleção intitulada Jornalismo Literário, coordenada pelo jornalista Matinas Suzuki Jr. Desde então, as estantes do país puderam ser habitadas por alguns dos mais importantes textos jornalísticos do século 20 lançados em livro e em português. O primeiro deles, Hiroshima, apresenta uma reportagem publicada originalmente na edição da revista The New Yorker com data de 31 de agosto de 1946, quando se completava um ano do lançamento da bomba atômica na cidade de Hiroshima pelos norte-americanos, em 6 de agosto de 1945. O autor da reportagem, John Hersey, permaneceu 17 dias no Japão a fim de reconstituir a tragédia a partir do relato de seis sobreviventes e consumiu seis semanas para redigir o relato. Para completar a história, 40 anos depois o autor voltou à cidade outrora destroçada a fim de reencontrar seus personagens. A publicação original provocou um choque. Abalou seus leitores porque apresentou o relato minucioso de como uma cidade e quase 250 mil pessoas acabaram dizimadas. Abalou porque não se ocupou com questões técnicas da bomba nem revelou alguma novidade, mas contou histórias singulares de seis sujeitos, seis sobreviventes. A humanização que brotou do texto desnudou para os Estados Unidos o horror que haviam cometido. A edição de aproximadamente 300 mil exemplares rapidamente esgotou nas bancas². Hiroshima lidera quase todas as listas – uma típica mania de jornalistas – de melhor reportagem já escrita. Tanto que Suzuki, no posfácio da edição brasileira, afirma que Hiroshima é uma espécie de Cidadão Kane do jornalismo (Suzuki, Jr. in Hersey, 2002). Depois de *Hiroshima*, outros relatos jornalísticos se sucederam na coleção da Companhia das Letras, incluindo o clássico A sangue frio, de Truman Capote, havia anos esgotado no Brasil.
- b) Cursos de Jornalismo, em particular graduações, estão discutindo cada vez mais jornalismo literário, muitas vezes com a criação de disciplinas específicas, como ocorreu em 2006 na Fa-

- ¹ Costuma-se atribuir ao jornalista Pompeu de Sousa a introdução do lead no jornalismo brasileiro em 1950, quando ele atuava no *Diário Carioca*, no Rio de Janeiro. Até então, os textos começavam com comentários e opiniões misturados às informações.
- ²O impacto e a rápida notoriedade obtidos pelo texto de John Hersey chegaram a tal grandeza que os exemplares foram vendidos por valores entre 15 e 20 dólares, quando o preço de capa era de 15 cents. Pedidos de autorização para reimpressão chegavam de todo os Estados Unidos e de outros países, e os direitos eram doados para a Cruz Vermelha. Atores foram escalados para ler a reportagem na cadeia de rádio ABC, tendo ocorrido o mesmo na BBC de Londres. Albert Einstein pretendeu comprar 1 mil exemplares, mas não havia mais estoque (Suzuki, Jr. in Hersey, 2002).

culdade de Comunicação Social (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Há experiências nos currículos das graduações de instituições como Faculdades Integradas Alcântara Machado (Fiam), em São Paulo (SP), Faculdade Integrada Tiradentes, em Maceió (AL), Universidade Tiradentes, em Aracaju (SE), e Universidade Federal de Santa Maria, em Santa Maria (RS).

- c) A criação da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), oficializada em dezembro de 2005, sob iniciativa dos jornalistas e professores Edvaldo Pereira Lima, Sergio Vilas Boas, Celso Falaschi e Rodrigo Stucch. O grupo mantém na internet o portal Texto Vivo Narrativas da vida real e dedica-se ao desenvolvimento de metodologias e técnicas que possam melhorar a qualidade da reportagem na imprensa brasileira e à formação de autores de narrativas de não-ficção. A academia lançou um curso de especialização em Jornalismo Literário que já teve turmas em São Paulo, Campinas, Brasília e Porto Alegre. Em outubro de 2007, promoveu em São Paulo o 1º Seminário Brasileiro de Jornalismo Literário.
- d) Em 2005 estreou o filme Capote, de Bennett Miller, que apresenta uma intensa e peculiar interpretação de Philip Seymour Hoffman no papel de Truman Capote (1924-1984). A obra levou para os cinemas – e depois, com o lançamento da versão em DVD, para as casas – a história da criação do romance-reportagem A sangue frio. Conta os fatos desde novembro de 1959, quando Capote leu no jornal *The New York Times* sobre o assassinato de quatro pessoas de uma família do interior do Kansas (EUA) e percebeu que o acontecimento poderia ser o mote para provar sua tese de que, nas mãos do escritor certo, histórias reais podem ser tão emocionantes quanto as de ficção. O autor acompanhou os fatos até a execução dos assassinos, em 1965. No ano seguinte, Capote publicou sua narrativa, que se converteu em um marco do jornalismo. Quarenta anos depois, o filme ajudou a ampliar a notoriedade de A sangue frio para além dos círculos jornalísticos ou literários.
- e) No Orkut, site de relacionamentos que tem o Brasil no topo das estatísticas de usuários, há diversas comunidades em que os internautas discutem jornalismo literário e seus autores, sejam em tópicos gerais ou dedicados a criadores e obras específicos. Cada vez mais também surgem blogues destinados à publicação de experiências que adotam princípios deste gênero, bem como à sua discussão.
- f) A *piauí*³, revista pretensiosa, anunciada em agosto de 2006 durante a Festa Literária Internacional de Parati (Flip) pelos dois líderes do projeto, o documentarista João Moreira Salles e o editor Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras. Não se trata

³ O nome da revista é totalmente grafado em letras minúsculas.

de uma revista de cultura ou opinião, mas de reportagens, com textos que vazam pela página e seguem na folha seguinte. A primazia é da palavra e de boas histórias. Com uma tiragem mensal de 60 mil exemplares (dado relativo a março de 2008), foi antecedida por um provocativo e bem humorado texto que circulou para assinantes de publicações da editora Abril. Um trecho anunciava seu propósito:

piauí será uma revista para quem gosta de ler. Para quem gosta de histórias com começo, meio e fim. Como não se inventou nada melhor do que gente (apesar de inúmeras exceções, vide... deixa pra lá), a revista contará histórias de pessoas. De mulheres e homens de verdade. Ela pretende relatar como pessoas vivem, amam e trabalham, sofrem ou se divertem, como enfrentam problemas e como sonham. piauí partirá sempre da vida concreta (PIAUÍ, 2006).

Em outro trecho, aborda a dimensão dos textos:

O formato grande fará com que se encontre bastante coisa para ler e ver em *piauí*. Para que ela dure um mês nas mãos dos leitores. Para que as reportagens e narrativas terminem quando o assunto terminar, em vez de ficarem espremidas porque o espaço acabou. O tamanho maior favorecerá a inventividade, possibilitará a publicação de imagens reveladoras sem perda de nuances e detalhes (PIAUÍ, 2006).

E mais adiante, apresentava a concepção das pautas: "Ela dará importância ao que, por ignorado, é tido como insignificante. Tratará de achar novidades no que, por esquecido, parece velho ou ultrapassado. A revista não será ranzinza nem chata" (PIAUÍ, 2006).

g) Por último, uma observação mais subjetiva, mas nem por isso menos importante. Pelos corredores das faculdades de Comunicação e pelas veredas virtuais dos blogues se percebe uma pulsão, um desejo latente entre os estudantes de Jornalismo por saberem mais sobre e de praticarem o tal jornalismo literário.

Mas, afinal, o que é jornalismo literário – ou literatura de nãoficção – e por que se fala tanto nele?

Primeiramente, o que ele não é. Não se trata de jornalismo de literatura, ou seja, que se ocupa da literatura como objeto. Para se avançar no que seja, de fato, jornalismo literário, cito um trecho do posfácio de Matinas Suzuki Jr. no livro *Hiroshima*:

Os especialistas exigem alguns requisitos para que uma obra possa ser classificada como jornalismo literário. Ela deve ser publicada em um jornal ou revista (a partir dos anos 80, com a diminuição crescente Pelos corredores
das faculdades
de Comunicação
e pelas veredas
virtuais dos blogues
se percebe uma
pulsão, um desejo
latente entre
os estudantes
de Jornalismo
por saberem
mais sobre e de
praticarem o tal
jornalismo literário

do espaço nos jornais e revistas, alguns autores passaram a publicar reportagens diretamente na forma de livro; no Brasil, essa foi a única maneira de o jornalismo literário sobreviver). Ela precisa estar ancorada em fatos. Sua matéria-prima é o trabalho de grande apuração: muitas entrevistas, muito bate-pé de repórter, pesquisa em arquivos, exaustiva investigação de fatos, levantamento de dados (Suzuki Jr. <u>in</u> Hersey, 2002: 170).

Mais do que uma escrita que flerta com técnicas típicas do labor literário e se propõe a instigar, seduzir, provocar sensações e despertar o interesse do leitor, o chamado jornalismo literário foge de olhares pré-formatados e rende textos – sejam reportagens ou perfis - que surpreendem a partir de uma pauta que rompe com visões óbvias ou hegemônicas sobre a realidade. Os autores, na hora de contar histórias não-ficcionais, principalmente nas páginas de revistas, valem-se de recursos típicos da literatura. Profunda observação, imersão na história a ser contada, fartura de detalhes e descrições, texto com traços autorais, reprodução de diálogos e uso de metáforas, digressões e fluxo de consciência – a gama de recursos é ampla para que a realidade seja expressa de maneira elaborada e sob os mais variados aspectos. Na linha dessa vertente, vigora um profundo humanismo e sepultam-se definitivamente alguns mitos do jornalismo, como impessoalidade, imparcialidade e a primazia do lead – as seis perguntas (O quê? Quem? Como? Onde? Quando? e Por quê?) importadas do jornalismo norte-americano que se tornaram emblema de objetividade e de uma espécie de puritanismo editorial; mais do que isso, se transformaram numa espécie de camisa de força, tolhendo a criatividade e escritas que fugissem da obviedade e da comodidade de uma fórmula pronta.

Com o jornalismo literário, o autor pode ser observador ou até mesmo um participante da ação. Além do visto, o não-visto – pensamentos, sentimentos, emoções – é descrito a partir de um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pelo tempo farto, pela atenção e pela acuidade. Os sentidos do repórter se encontram permanentemente alertas na leitura dos acontecimentos – seja uma cor esmaecida, um sopro quente, um aceno interrompido, uma textura áspera, um aroma inesperado, um suspiro que se liberta, um ranger intermitente.

Após a apropriação do real, o resultado do registro – um texto manufaturado com a minúcia de um artesão – passa por um arguto e intenso processo de edição, algo incomum na imprensa brasileira. Na *piauí*, por exemplo, as narrativas são reescritas o quanto for necessário. Uma, duas, três, quatro, cinco demãos de um editor em diálogo com o autor. Na Europa e nos Estados Unidos, a prática é comum e totalmente incorporada ao cotidiano de certas

Após a apropriação do real, o resultado do registro – um texto manufaturado com a minúcia de um artesão – passa por um arguto e intenso processo de edição

redações, principalmente de revistas de periodicidades mais largas. No posfácio da edição brasileira de *O segredo de Joe Gould*, do lendário Joseph Mitchell, João Moreira Salles conta a história de outra lenda, William Shawn, da revista *The New Yorker*, responsável pela edição de reportagens de escritores do porte de Truman Capote, Lilian Ross e Edmund Wilson. Certa vez, um autor teve seu trabalho editado ao longo de meses, resultando em uma obra muito melhor. Ao final, queria compartilhar a autoria do texto com Shawn, que respondeu: "Não, ele pertence a você. Eu apenas o tornei mais seu" (Salles *in* Mitchell, 2003: 143).

Quando se fala em jornalismo literário, eventualmente há uma tendência equivocada de confundir o gênero com o "novo jornalismo", como se fossem sinônimos. Na verdade, novo jornalismo é um momento específico, uma fase do jornalismo literário verificada nos anos 1960 e ancorada, principalmente, no surgimento de obras de autores como Truman Capote, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe. Aquela década era propensa ao questionamento e à ruptura. O mundo ainda vivia uma espécie de "ressaca" da Segunda Guerra Mundial, que de 1939 a 1945 destroçou diversos países e matou milhões de pessoas. Naquele cenário, a contracultura tomava força. Questionava-se muito: as instituições, a organização e a lógica das sociedades, a maneira como se governava, o jeito de pensar. Os hippies, coloridos e entorpecidos, pregavam paz, amor livre e sexo – também – livre. Retorno ao primitivismo. Culto à espiritualidade e ao misticismo, muitas vezes personificado em gurus orientais. Redescoberta dos escritores beatniks – Allan Ginsberg, Jack Kerouac, William Burroughs – e sua literatura que, na década anterior, fugia de padrões formais e abordava temas controversos. Isso tudo ecoou no jornalismo. Podia-se fazer mais, então acabou retomada a idéia de que a arte de contar boas histórias é fundamental para o jornalismo.

Os autores do novo jornalismo conquistaram muito reconhecimento e fama com suas reportagens publicadas em revistas e, posteriormente, em livros. Contribuíram também, além da força de suas narrativas e da peculiaridade de suas histórias e personagens, suas próprias personalidades, não raro extravagantes. Mas a verdade é que não criaram nada de novo. Uma das pessoas mais enfáticas ao falar sobre o assunto é a norte-americana Lillian Ross, a octogenária jornalista apontada como decana do jornalismo literário e que em 2006 perambulou pelas ruelas de Parati, na Flip. A autora de Filme — inicialmente uma série de reportagens publicada em 1952 que conta a história das filmagens e os bastidores de A glória de um covarde (1951), do diretor John Huston — é taxativa quando se refere ao jornalismo literário: "Acho que há muita confusão em torno dessa expressão. O que existe é bom e mau texto". E não poupa Capote e os autores que pretendiam ser reconhecidos como pioneiros

Quando se fala em jornalismo literário, eventualmente há uma tendência equivocada de confundir o gênero com o "novo jornalismo", como se fossem sinônimos do romance de não-ficção: "Em geral, trata-se de talentos medíocres à procura de autopromoção e dinheiro" (Marcolini, 2006). Muito assediada pela imprensa durante o evento, respondia o seguinte, quando pediam sua opinião sobre o novo jornalismo:

Não existe nada disso. Há boa escrita e má escrita no jornalismo. Todo o barulho em torno do New Journalism foi promocional, e os esforços que nasceram ao redor dele são artificiais. Podem ajudar nas vendas, mas não a escrever. Não havia nada de novo nele além da irresponsabilidade de grande parte do material (Ross, 2006).

Nas entrelinhas das declarações de Lillian Ross, a jornalista indicava que um modelo de escrita que se aproxima da literatura para contar histórias reais é praticado, pelo menos, desde o século 19. No Brasil mesmo há um pioneiro. O livro Os sertões (1902), de Euclides da Cunha, que conta a ação do Exército na destruição do arraial de Canudos, no interior do Nordeste, foi publicado originalmente em 1897 em forma de reportagens no jornal O Estado de S. Paulo. Embora a data dessa experiência remonte ao século 19, nos anos seguintes não se constituiu no Brasil uma tradição pautada pelos pressupostos do jornalismo literário, ao contrário dos Estados Unidos, onde a prática e a reflexão sobre o gênero se encontram em estado evoluído. Se antes era questionado até mesmo se jornalismo literário é, de fato, jornalismo, essa agenda acabou substituída por outra mais avançada, que se debruça sobre as melhores práticas de jornalismo literário, bem como a superação dos erros e excessos – como alguns maneirismos.

Se no Brasil, nos primórdios, foi um jornal que deu espaço a uma narrativa que já se consubstanciava em uma prática de jornalismo literário, coube a uma revista, no entanto, a experiência mais emblemática e incensada do gênero. Em 1966, surgiu a *Realidade*, que ainda hoje embala a nostalgia de muito leitor e, principalmente, de jornalistas. Deixou de circular em 1976 e alcançou seu auge do lançamento até 1968, quando passou a sofrer de maneira substancial com as perseguições do arbítrio patrocinado pela ditadura militar instaurada em 1964. Na época, a publicação da editora Abril inovou com sua proposta de produzir reportagens que combinassem o rigor jornalístico na apuração dos fatos com uma escrita que se aproximava da literatura. Um dos seus fundadores é José Hamilton Ribeiro, o lendário repórter brasileiro que cobriu a Guerra do Vietnã. Ao refutar a influência de Capote & cia., ele afirma:

Os anos 60 foram muito férteis para a experimentação e a busca pela novidade, inclusive na imprensa. Basta perceber que apareceram manifestações semelhantes em diversos cantos do mundo, como na Espanha, Inglaterra e em parte da América Latina (RIBEIRO, 2006).

Se antes era
questionado
até mesmo
se jornalismo
literário é, de
fato, jornalismo,
essa agenda
acabou substituída
por outra mais
avançada, que se
debruça sobre as
melhores práticas
de jornalismo
literário

Desde o fenômeno *Realidade*, pouco se praticou jornalismo literário no Brasil – pelo menos na grande imprensa. Os dirigentes dos jornais costumam alegar equipes reduzidas, falta de espaço para textos caudalosos, orçamentos minguados a impedir que um repórter permaneça semanas ou meses investigando uma história e falta de interesse dos leitores por textos longos. Para esse último argumento, cabe um comentário: é impressionante como se propaga a tese de que o leitor brasileiro não quer textos de maior fôlego. O poder generalizante da afirmação risca das possibilidades uma gama de pessoas que querem e apreciam narrativas mais elaboradas. Na verdade, há uma tendência dos dirigentes de grandes veículos menosprezarem seu público.

Neste cenário de pouco espaço e de parcos investimentos nas publicações, o livro-reportagem constituiu-se no caminho natural para o registro de reportagens extensas e construídas num estilo que se distancia do texto asséptico que serve como padrão da grande imprensa. A alternativa foi adotada com mais intensidade nos anos 1980. Alguns exemplos de autores brasileiros que trafegam nessa vertente: Zuenir Ventura, Fernando Morais, Caco Barcellos, Domingos Meireles e Ruy Castro. O livro-reportagem é o jornalismo da permanência e da profundidade, sem a volatilidade e a pressa das edições paridas por rotativas a cada 24 horas e com mais prazo de elaboração do que as revistas.

Feita esta brevíssima tematização do jornalismo literário, é oportuno pensar no jornalismo impresso e diário praticado nos últimos anos no país. Tradicionalmente, dizia-se que o jornal se ocupava da notícia do dia, do factual, enquanto a revista, na maioria dos casos de circulação semanal, adentrava pela análise, contextualização e aprofundamento dos mesmos fatos. A internet – mesmo com seu jornalismo não raro precário e impreciso - alterou a lógica das diferentes mídias. Sem falar na permanente expansão da televisão. Assim, na véspera do jornal impresso existir de fato, os leitores já sabem dos acontecimentos. Para não nascerem velhas, as publicações que se valem do papel como suporte estão repensando sua atuação e suas maneiras para sobreviver neste cipoal midiático de cruzamentos e superposições de informações. Enquanto as certezas são poucas e as apostas, tímidas, o que se percebe nos jornais impressos? Uma lista pode ser esbocada:

- relatos apressados e superficiais;
- textos mal escritos e desinteressantes;
- encolhimento das redações;
- pautas sem originalidade que perpetuam fórmulas e clichês da cobertura jornalística;
- adoção de discursos hegemônicos e do senso comum como ponto de partida para a apuração;

Neste cenário
de pouco espaço
e de parcos
investimentos nas
publicações, o
livro-reportagem
constituiu-se no
caminho natural
para o registro
de reportagens
extensas

- cômodas entrevistas entrevistas? realizadas por telefone ou por e-mail;
- dependência de agências de notícias, que pulverizam relatos pasteurizados, padronizando e homogeneizando o conteúdo dos jornais;
- perda da capacidade de observação e de extração de sentidos desse ato;
- desconexão da realidade, de forma que as notícias não dão conta da complexidade dos acontecimentos;
- concorrência de mídias cada vez mais diversas, como rádio, televisão, internet, celulares etc.

Há bom jornalismo nas práticas mais canônicas, mas esse diagnóstico se mostra necessário para que se pense o presente e os rumos da reportagem. Além de se praticar, é preciso refletir sobre o jornalismo e a crise identitária que vigora em boa parte das redações, principalmente dos grandes periódicos. E aqui cabe voltar ao questionamento feito anteriormente: por que se fala tanto em jornalismo literário nos últimos anos, assim como ocorreu em outros momentos específicos? Afinal, existe mesmo jornalismo literário ou o que se percebe é um entusiasmo em torno do gênero como decorrência de ondas cíclicas de descontentamento quanto ao jornalismo que se executa de maneira ordinária, caracterizado, de uma maneira geral, pela pressa na produção, pelo pouco espaço e pela supremacia do lead e da objetividade? No fundo, o que se espera do jornalismo? Um bom texto, uma pauta que fuja da mesmice, respeito às pessoas, uma apuração profunda, minuciosa e ampla, além de espaço para se contar uma história? Esta não é a lógica dominante na produção jornalística contemporânea, sobretudo porque a notícia apresenta um caráter industrial e cada vez mais é mercadoria. Uma ressalva: é claro que o jornalismo literário não deveria ser adotado numa perspectiva totalizante, pois há espaço para modalidades e gêneros distintos. Além do mais, não é o caso de se estabelecer uma relação de exclusão entre práticas tradicionais e literatura de não-ficção. O espectro de atuação é amplo, havendo espaço para que cada modelo seja desenvolvido a contento, de maneira a diversificar a atividade jornalística.

A jornalista Eliane Brum, autora do livro A vida que ningu'em v'e - reunião de reportagens-crônicas publicadas no jornal Zero Hora -, expressa uma preocupação concernente a este tema:

(...) receio que a classificação de "jornalismo literário" possa levar a distorções. Por um lado, acho curiosa a necessidade de atribuir ao texto jornalístico qualidades "literárias", como se, ao deparar com um bom texto jornalístico, fosse preciso promovê-lo a algo mais elevado.

É preciso
refletir sobre o
jornalismo e a
crise identitária
que vigora
em boa parte
das redações,
principalmente dos
grandes periódicos

Por outro, ao classificarmos um texto como literário podemos induzir à interpretação de que os detalhes da narrativa são ficcionais — resultado da imaginação e não de uma apuração exaustiva. Ou seja, me parece que ao colar o adjetivo "literário", de um ou de outro modo, enfraquecemos o conteúdo do substantivo "jornalismo". Em resumo: acho que é um dos muitos casos em que o adjetivo não acrescenta, só reduz (Brum, 2006b).

De fato, jornalismo não é literatura e deve ater-se aos fatos. A idéia mais adequada, quando se fala em jornalismo literário, é a da adoção de um estilo literário, e não ficcional, na escrita. O ponto de partida sempre é a realidade — ou a noção que se tem de realidade. A ficção pode funcionar como mote da literatura, mas não do jornalismo. De qualquer forma, quando se pratica o jornalismo gonzo⁴, o autor relativiza uma série de questões, tanto que atua como sujeito da ação narrada e pode até mesmo criar determinadas situações na hora de escrever, não havendo necessidade de ser fidedigno aos acontecimentos. O chamado jornalismo literário, no entanto, precisa se ater ao que de fato ocorreu porque se trata de jornalismo, e não de ficção. É preciso cuidar também dos riscos: pieguice, exagero, descolamento do real e sobreposição da opinião ao relato dos fatos.

Talvez se fale tanto em jornalismo literário em decorrência de um desejo por um tipo de jornalismo que revele acontecimentos e sujeitos menos previsíveis, de uma busca por narrativas oriundas de um "olhar insubordinado", conforme expressão cunhada por Eliane Brum (2006a). Talvez a temática esteja em voga porque há espaço para um jornalismo que apure os fatos com sensibilidade e sem preconceitos e, ao final, surpreenda. Surpreenda pela singularidade da pauta, pelo texto que dimensiona e valoriza a essência da matéria-prima do jornalismo – pessoas e suas experiências no mundo. Valendo-se de uma história vivida por Joseph Mitchell, pode-se dizer ainda que surpreenda pela árvore que tomba⁵.

Assim como Eliane Brum, o *publisher* da revista *piauí*, João Moreira Salles, considera a denominação jornalismo literário imperfeita. Na palestra intitulada *Jornalismo literário*, que realizou na PUCRS em 24 de maio de 2007, afirmou que prefere "jornalismo narrativo". A palavra literário poderia sugerir, equivocadamente, que seria mal escrito o que estivesse fora desse escopo. Além disso, literário é um termo que comumente remete à idéia de ficção, mesmo que a associação seja fruto de uma noção restritiva. Portanto, pode-se conduzir o questionamento feito anteriormente — existe jornalismo literário? — por um caminho que vá além da discussão acerca do fenômeno propriamente dito. Na medida em que haja uma prática jornalística caracterizada

⁴ Gonzo é uma variedade mais radical do jornalismo literário criada pelo norteamericano Hunter Thompson (1937-2005). Trata-se de um texto confessional e sem censura em que o autor narra experiências pessoais, na medida em que também é personagem dos fatos. Antes de ser evitada ou disfarçada, a mediação do autor é ressaltada. Não há limites claros entre realidade e ficção - embora a empreitada sempre parta de um acontecimento. É a negação da objetividade que, em sua forma disseminada no jornalismo canônico, tenta convencer o público de que a notícia é imparcial, gerando uma espécie de mascaramento da ideologia que perpassa qualquer texto. O autor do jornalismo gonzo rompe com o discurso cínico da objetividade e, mais do que isso, não se leva muito a sério, muito menos reivindica uma aura de respeito e confiança. Não é por menos que os textos costumam ser debochados, irônicos e irreverentes. As pautas não precisam ser, necessariamente, de situações bizarras - pelo contrário -, e o acontecimento mais prosaico pode gerar uma grande história, desde que apurado e descrito com um "olhar" gonzo. Mais do que um estilo, gonzo acaba sendo uma atitude em relação ao mundo e ao jornalismo, pautada em grande parte pela biografia de seu autor mais celebrado. Thompson era escalado para fazer uma reportagem, mas gastava em bebidas, drogas, festas e todo o tipo de farra o dinheiro que recebia para custear o trabalho. Arrumava confusões de toda ordem, desde sair do hotel sem pagar até brigar com policiais. No final, não tinha a reportagem encomendada, mas produzia relatos sui

por atributos específicos e distintos das experiências rotineiras e hegemônicas na imprensa, como já aludido, e tendo em vista uma aparente fragilidade da denominação mais recorrente desse fenômeno, não seria o caso de se adotar uma outra nomenclatura para o chamado jornalismo literário? Se no limiar deste texto questionou-se "o que é jornalismo literário e por que se fala tanto nele?", encerra-se com outra indagação acerca da pertinência do próprio termo, como uma espécie de senha para novas investigações e debates sobre o assunto ora apresentado.

Referências

BRUM, Eliane. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006a.

BRUM, Eliane. Qual é a do jornalismo literário?, *Zero Hora*, Porto Alegre, Caderno Cultura, p. 7, 28 out. 2006b.

CZARNOBAI, André "Cardoso". O que há no gonzo?, *Zero Hora*, Porto Alegre, Caderno Cultura, p. 4, 26 fev. 2005.

MARCOLINI, Adriana. Conflito no Oriente Médio invade a literatura. *Jornal da USP*, São Paulo, n. 774, 21 a 27 ago. 2006. Disponível em: http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp774/pag1213.htm. Acesso em: 16 nov. 2006.

SALLES, João Moreira. O homem que escutava. In: MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 139-157.

SUZUKI JR., Matinas. Jornalismo com H. In: HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 161-172.

PIAUÍ, 2006. Encarte promocional enviado para os assinantes da editora Abril.

RIBEIRO, José Hamilton. De quando a literatura abraça o jornalismo. *Revista Paralelos*, Rio de Janeiro, 15 fev. 2004, entrevista concedida a Eduardo Martins Vasconcellos. Disponível em: http://www.paralelos.org/out03/000146.html>. Acesso em 16 nov. 2006.

ROSS, Lilian. Decana do jornalismo literário desanca new journalism. Faculdade Cásper Líbero – Entrevistas, São Paulo, 14 ago. 2006, entrevista concedida a Rodrigo Turrer. Disponível em http://www.facasper.com.br/jo/entrevistas.php?id_noticias=829>. Acesso em: 16 nov. 2006.

Recebido em 30 de agosto de 2008 Aprovado em 3 de novembro de 2008 generis, publicados em revistas como Rolling Stone, que o tornaram famoso. (Czarnobai, 2005).

⁵ João Moreira Salles conta no posfácio da edição brasileira de O segredo de Joe Gould, de Joseph Mitchell, o episódio em que esse colaborador da The New Yorker viu um picapau em pleno exercício da ação que inspira seu nome. Mitchell se sentou e ficou a observar o toc-toc do pássaro até que, depois de duas horas de atividade, o animal atravessou o tronco de uma casca a outra. A árvore acabou tombando. Um observador apressado assistiria a alguns segundos, quiçá minutos, da empreitada e seguiria seu caminho. Mitchell, um autor que ouvia e observava como poucos, dedicou o tempo necessário para testemunhar, mais do que o trivial - um pica-pau em ação -, o surpreendente um pequeno pássaro derrubando uma árvore.

